

O ACADÊMICO ENTRE A BOEMIA E O FUTEBOL: A CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL UNIVERSITÁRIO DO BAIRRO BENFICA (1954-1967)

RENATO MESQUITA RODOLFO*

INTRODUÇÃO

A instalação da Universidade do Ceará, em 1955, – com a construção de novos prédios e o aproveitamento de antigos – deu-se inicialmente no bairro Benfica, próximo ao centro comercial de Fortaleza. Entre suas primeiras aquisições estão o palacete que pertencia à família Gentil no ano seguinte à sua instalação. Tal empreendimento modificou não somente a paisagem física do bairro, cuja formação é anterior à própria universidade, como também as formas de socialização e a vivência dos moradores, comerciários e frequentadores.

A Universidade do Ceará (UC), que passaria a ser a Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1965, foi criada pela lei 2.373 de 16 de dezembro de 1954 e teve sua instalação celebrada um ano depois, no dia 25 de junho – nesse artigo serão usadas as duas nomenclaturas (UC e UFC), estando de acordo com a temporalidade de cada uma. Nessa época existiam algumas escolas de Ensino Superior em Fortaleza, entre elas, cinco fizeram parte do corpo inicial de formação da Universidade: a Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Agronomia, a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Medicina. Todas essas instituições estavam espacialmente separadas, amparadas por edificações que já não comportavam a demanda de alunos que crescia em consonância com a cidade, é o que relata o arquiteto José Liberal de Castro em artigo dedicado às construções da UFC de sua instalação e durante os quatro mandatos consecutivos de Antônio Martins Filho na Reitoria (2004). Segundo ele, durante esse período foram adquiridos todos os três campi da atual UFC em Fortaleza: o Campus do Benfica, o Campus do Pici e o Campus do Porangabuçu.

A compra do palacete de José Gentil – localizado atualmente no quadrilátero formado pelas Avenidas da Universidade e Treze de Maio e pelas ruas dos Remédios e Paulino Nogueira – se deu em 1956. Ali se instalou a Reitoria da recém-criada instituição de Ensino

* Mestrando em História Social – Universidade Federal do Ceará.

Superior, lugar que ocupa até os dias atuais. Partindo desse ponto, a Universidade do Ceará passou a se expandir pelas imediações do Benfica e da Gentilândia, apropriando-se de vários lotes, edifícios, residências, modificando, demolindo, construindo, modelando, adaptando. Então de que maneiras as pessoas que daquele ambiente partilhavam, nesse momento, viam essas modificações? Como essas modelagens e remodelagens afetaram as vivências desses sujeitos? De que formas suas relações com o espaço de vivência e convivência se modificaram com a instalação desse equipamento? Como essa instituição é considerada como parte da comunidade, ou dos bens da comunidade? Ela é percebida como parte do patrimônio cultural do(s) bairro(s)?

A Universidade do Ceará fora criada no intuito de agregar as IES já existentes no Estado e sob o lema de desenvolvimento cultural para o Ceará. Mas não foi somente com a intenção de desenvolvimento cultural que a sua criação se deu. Sua fundação estava em consonância com o ideal de desenvolvimento regional defendido por Getúlio Vargas. Nesse ideal foi criado o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) em 1952 com sede em Fortaleza. Segundo foi relatado por Antônio Martins Filho (2004) em um trabalho de História Oral realizado pelo Núcleo de Documentação Cultural da UFC (NUDOC) e publicado no livro *Depoimentos para a História da UFC*, pretendia-se a criação simultânea da UC e do BNB, ambos com a finalidade de desenvolvimento regional, a Universidade seria responsável pela formação de pessoal capacitado para o trabalho no banco. Devido a contratempos políticos a fundação em conjunto foi impossibilitada, mas a parceria foi firmada entre ambos desde os primeiros anos de criação da UC, com cursos específicos para a capacitação dos profissionais necessários. A tarefa de desenvolvimento regional ficou tão impregnada nas ações da Universidade que o seu lema, até hoje o mesmo, criado nessa época era: “O Universal pelo Regional”. Esse lema consistia em partir da problemática regional, na intenção de solucioná-los, sem deixar de lado o seu compromisso com o conhecimento humano e com a ciência em instância universal (Boletim N° 19, 1959: 319-320).

Entende-se aqui a instalação da Universidade do Ceará como sendo a apropriação de um espaço e uma nova forma de uso que foi sendo dada a ele a partir daquele momento. Essas novas formas de uso desse espaço possibilitaram a construção do referencial de bairro universitário para o Benfica, mas da mesma forma que na construção civil é requerido o

trabalho em diversas frentes, a construção de um referencial também assim se faz. Como foram geridos os trabalhos para a construção desse referencial universitário para o Benfica? As relações entre a memória e o meio em que se (con)vive são carregadas de significados que se transversalizam, perpassando histórias de vida e vivências de sujeitos que se interligam por partilharem daquele mesmo espaço. Então de que forma as memórias do bairro e da Universidade se entrecruzam, aproximam-se e se distanciam? Mapear essas ações e identificar as maneiras pelas quais os sujeitos e a instituição se apropriaram delas e tomaram para si esse referencial ou esses referenciais, essa memória ou essas memórias, é um dos objetivos dessa escrita.

Talvez a totalidade desses questionamentos não seja respondida aqui, tendo em vista que esse é um fruto inicial do projeto de pesquisa intitulado *A Universidade Federal do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia: espaços, lugares e memórias (1947-1967)* que está sendo desenvolvido – em caráter também inicial – sob a orientação do prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira, no Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará com o financiamento da CAPES.

Atualmente, a Universidade Federal do Ceará conta com três campi em Fortaleza, mais o Instituto de Ciências do Mar (LABOMAR), na Beira Mar e o Instituto de Cultura e Arte (ICA/Casa de José de Alencar) em Messejana. No interior do Estado são o Campus de Sobral, Cariri e Quixadá. Esse artigo se concentra nos primeiros anos de existência da Universidade, de sua instalação no Benfica em 1956 até a saída do seu primeiro Reitor e fundador, Antônio Martins Filho, em 1967, atentando para os impactos que esse evento gerou nos seus arredores e para além deles. Esse recorte se concentra nesse reitorado por ter sido o período em que os três campi de Fortaleza foram adquiridos, depois disso a expansão territorial da UFC se deu de forma mais tímida (CASTRO, 2004).

O BAIRRO UNIVERSITÁRIO

A participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória (GEPPM) do Departamento de História da UFC possibilitou o contato com um projeto iniciado pelos seus integrantes em 2007, que intentava fazer um inventário de referências culturais do bairro Benfica. Bastante se produziu – não somente sobre a história do bairro, mas também sobre a

arquitetura das suas casas, as formas de sociabilidade e algumas impressões acerca da UFC, tanto atualmente quanto no período de sua instalação – a partir das ações dos envolvidos nesse projeto. Em meados de 2011, a presente pesquisa sobre as relações espaciais e mnemônicas no Benfica deu seus primeiros passos, fortemente influenciada pelos projetos já realizados pelo GEPPM, com a intenção de aprofundamento em questões levantadas a partir dessas ações do grupo.

Em um artigo de autoria coletiva, intitulado *Benfica em três tempos: patrimônio, inventário e memória local*, do referido grupo foram expostos os primeiros resultados desse inventário que ainda se encontra em atividade. Segundo apontaram as pesquisas dos autores as primeiras habitações a se instalarem no Benfica datam de meados do século XIX e eram basicamente compostas por chácaras e sítios (NOGUEIRA, 2012: 228). Nas primeiras décadas do século seguinte, juntamente com o bairro Jacarecanga, o Benfica viria a se tornar um dos destinos da elite fortalezense, segundo o Geógrafo Eustógio Dantas em *De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza* (2009). Segundo Nogueira (op. cit.), o nome dado à localidade teria origem na intenção da elite fortalezense do fim do século XIX em se estabelecer em “um lugar para bem ficar”, a partir daí foi denominação de uma das primeiras propriedades erguidas ali, o sítio Benfica, posteriormente o nome foi atribuído a uma rua, a atual Avenida da Universidade e, por fim, foi oficializado pela Prefeitura de Fortaleza como bairro.

Em seu livro de memórias, Francisco de Andrade Barroso relata – através de um misto de depoimentos, fotografias, memórias pessoais, documentos oficiais e notícias de jornais – que viver no Benfica, antes da instalação da UC, era algo bastante agradável e tranquilo. O bairro era bem arborizado e os tipos de moradas eram propensos a esse clima agradável (2004). Esse clima foi aos poucos sendo modificado, pelo crescimento e modernização de Fortaleza, pelo aumento no número de habitantes do bairro.

Em 1941 foi inaugurado o Estádio Presidente Vargas, mas antes disso já ocorriam diversos jogos e competições entre equipes de futebol que se formaram naquele espaço e em outros pontos da cidade. O Gentilândia Atlético Clube, equipe formada a partir do clube social de mesmo nome fundado por José Gentil, atuou durante quase vinte anos, de 1934 até 1952. Os jogos eram realizados entre outros times amadores atuantes na cidade e os treinos

ocorriam inicialmente num campo dentro das dependências da Igreja Nossa Senhora dos Remédios – localizada na atual Avenida da Universidade, em frente ao Centro de Humanidades III. O fim do time se deveu provavelmente pela dificuldade de profissionalização e pelos recursos escassos (BARROSO, 2004: 420-432). A prática do futebol em conjunto com os jogos no Estádio Presidente Vargas (PV), possibilitaram a formação do referencial futebolístico para o Benfica, levando milhares de pessoas para assistir as disputas. Algo que é reforçado atualmente pelos frequentes jogos que são realizados entre as principais equipes do Estado e do restante do país que tem como palco o gramado do popularmente chamado PV.

O nome Gentilândia, dado a uma parte do território que compreende o Benfica, provém de uma das principais famílias que morou naquele entorno, a família Gentil. Tendo se fixado no Benfica na primeira década do século XX, provavelmente em 1906. Naquele bairro, o Cel. João Gentil Alves de Carvalho e sua família se estabeleceram, adquiriram a chácara do Benfica com vasto terreno, onde construíram vários imóveis para moradia própria ou para locação. Vilas pertencentes ao coronel foram erguidas, dentro do quadrilátero já descrito anteriormente, e dessas vilas, provavelmente, tenha surgido o termo Gentilândia, é o que aponta o economista Carlos Negreiros Viana (2007) em artigo publicado na Revista do Instituto do Ceará. Segundo Francisco Barroso, o território que delimitaria a Gentilândia seria formado pelas ruas Antenor Frota Wanderley e Marechal Deodoro e pelas Avenidas da Universidade e Treze de Maio (op. cit.: 317). Em um relato feito pelo morador da Gentilândia Cristiano Santos, o território do bairro já teria sido demarcado oficialmente a partir da ação do então vereador de Fortaleza, Narcílio Andrade, e compreenderia o seguinte traçado: “Avenida da Universidade, [Avenida] Treze de Maio, [Avenida] Eduardo Girão, sobe a [Avenida dos] Expedicionários e entra na [rua] Paulino Nogueira e um pedaço da [rua] Marechal Deodoro” (ENTREVISTA 2). Nas duas concepções territoriais, a Gentilândia seria um bairro dentro do Benfica, tendo em vista que os limites do segundo são mais extensos – “ao Norte, pela rua Antônio Pompeu e rua Luís de Miranda; a Leste, pela rua Senador Pompeu e avenida dos Expedicionários; ao Sul, pela avenida do Imperador, rua Carapinima e avenida José Bastos” (NOGUEIRA, op. cit.: 232). O que leva, ainda hoje, a uma reivindicação de oficialização

territorial da Gentilândia? Mais adiante essa discussão será retomada. A critério de entendimento, a Gentilândia será tratada como um território dentro do bairro Benfica.

Voltando ao contexto de criação e instalação da Universidade do Ceará, o historiador Gisafran Nazareno Mota Jucá aponta que “a Aldeota [bairro de Fortaleza situado mais ao leste em relação ao Centro] passou a representar o bairro predileto da cidade a partir da década de 1950” (2004: 126). Ao estabelecer a relação entre a afirmação do historiador e a situação em que o palacete da família Gentil foi comprado para ser a sede da Reitoria da UC, percebe-se que além do fato do referido imóvel estar à venda nos primeiros meses de 1956, indo ao encontro dos anseios de estabelecer as bases para a recém-criada Universidade, estava também esse movimento de mudança empreendido pelas elites fortalezenses da época para o seu novo reduto, a Aldeota.

Com a aquisição do palacete e a inauguração da nova sede da reitoria em no dia 25 de junho de 1956 a paisagem urbana do bairro marcado pelo futebol, pelas vilas e pelo ar residencial passava a se modificar. Entende-se como paisagem urbana o conceito formulado por Gordon Cullen que é definido pela noção de coerência e organização visual do emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano (ADAM, 2008). Cullen explica que a paisagem urbana é constituída em três aspectos: o primeiro seria a ótica, a visão serial propriamente dita; o segundo seria a noção de espaço do sujeito; e o terceiro é o conteúdo que caracteriza os edifícios e os setores da malha urbana (Ibid.: 62-63). No palacete que abrigou durante décadas algumas gerações da família Gentil, passou a funcionar o corpo administrativo da recém-criada UC. Não somente o palacete, mas também outras residências também imponentes – que atestavam a característica elitizada da localidade – e conjuntos de casas menores – que indicavam, por sua vez, a popularização da moradia no Benfica – foram comprados ou apropriados pela nova instituição com os subsídios do governo Federal e Estadual e reaproveitados ou demolidos para dar lugar a novas construções. Iniciou-se então o relacionamento direto entre o Benfica, a Gentilândia e a Universidade do Ceará.

A apropriação, o empoderamento, a modificação e a demolição de imóveis que já faziam parte da paisagem urbana do bairro afetaram a forma como os moradores, trabalhadores e frequentadores do Benfica passaram a se relacionar com o espaço o no espaço. O espaço é para a memória um referencial, como salienta o sociólogo francês Maurice

Halbwachs – tido como um dos primeiros a tratar a memória, o processo de lembrança e esquecimento, como sendo algo social, não somente individual – ao dizer que não somente as relações interpessoais são parte importante na construção da memória, mas também as relações dos indivíduos com o espaço fazem parte desse processo mnemônico. Pode-se perceber essa ideia a partir da afirmação de que

Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão de imagens que lhe representam os objetos exteriores (HALBWACHS, 1990: 136).

Sendo assim, as ações e interferências da UC no Benfica como um todo afetaram não somente a paisagem urbana desse bairro, mas também a memória em relação ao bairro com o estabelecimento, de forma brusca, de novos referenciais espaciais, territoriais e de fronteira. Imóveis que pertenciam a moradores do bairro passaram a pertencer à Universidade. Pessoas que ali viviam saíram, mudaram-se após venderem seus bens, mudando assim as vivências e convivências. Perceber o espaço como sendo um ambiente também construído historicamente é papel do historiador. Segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008), não se deve naturalizar o espaço com sendo apenas um cenário que não interagem nem é atingido pelas histórias que se desenrolam nele. Ele afirma que a partir do momento em que o historiador faz do espaço um objeto de seu estudo ele “deixa de ser localização e extensão para ser relação, pertencimento a uma trama”, não somente um cenário, “elemento que participa dos diversos afrontamentos e acontecimentos que se dão no social” (Ibid.:72). O estabelecimento e a formação desses lugares vai se dar, então, a partir das relações sociais,

As fronteiras, as identidades espaciais, os territórios, os lugares passam a ser pensados como tendo sido definidos a partir de contendas, de conflitos, sendo frutos de relações que se estabeleceram entre diferentes agentes e agências em um dado momento histórico, sendo, portanto, passíveis de dissolução, desconstrução, sempre que as relações sociais que os engendraram sejam modificadas, que os saberes que os puseram de pé sejam desmontados e que as relações de poder que os sustentaram sofram deslocamentos (Ibid. loc. cit.).

Então de que forma os sujeitos que partilhavam daquele espaço passaram a agir e estabelecer suas práticas de socialização? Michel de Certeau ao dar a definição do seu conceito de lugar e espaço afirma que o que diferencia o primeiro do segundo é justamente a ação humana e a relevância que determinado ambiente tem para um grupo, um indivíduo ou toda uma sociedade. Certeau afirma que

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (2011: 184).

Essa concepção está bastante próxima da ideia de patrimônio cultural defendida por Aloísio Magalhães (1997), de que é na prática e na relevância que determinado bem cultural, tangível ou intangível, tem para um grupo ou para uma sociedade que está o significado dele e não na cristalização ou na sacralização de determinado ato. Dessa ideia de patrimônio cultural a Universidade pode ser pensada a partir da relevância que ela teria para a comunidade na qual ela se inseriu. A noção de patrimônio aqui não está somente ligada àquilo que está edificado, mas também ao quanto a comunidade, ou a sociedade se veem representadas e representam a própria Universidade através de suas práticas.

Não se tem indícios de conflitos diretos entre a UC e os moradores do bairro, nem se quer ecoar um discurso generalizador de que esse evento foi prejudicial à localidade como um todo por ter mudado, em certo ponto drasticamente, a paisagem daquele ambiente. Mas estando no lugar de historiador deve-se atentar para o fato de que os conflitos não estão sempre explicitados nem se dão forma direta e esse referencial não se estabeleceu apenas com a construção da Universidade.

Então, a partir das ideias de Halbwachs, Certeau, Aloísio Magalhães e Albuquerque Júnior, pode-se inferir que as mudanças espaciais causadas pela instalação da então Universidade do Ceará nas imediações do Benfica afetaram as relações que os habitantes e frequentadores tinham já estabelecidas entre si e com aquele ambiente. Desse modo, nossa pesquisa se volta para a identificação das impressões que os entrevistados – pessoas que partilharam do referido ambiente durante o período em que a UC estava se firmando no Benfica como a primeira Instituição de Ensino Superior (IES) do Estado do Ceará – tiveram

sobre o que estava se dando à sua volta naquele momento e como a própria Universidade se tornou um espaço ou um lugar, segundo Certeau, e um novo referencial para as pessoas que pelo bairro transitavam e habitavam àquela época.

ESTABELECENDO RELAÇÕES

Para identificar as percepções de funcionários da UFC, moradores, trabalhadores e frequentadores do Benfica sobre a Universidade fez-se uso da metodologia da História Oral, através de entrevistas com roteiro feito previamente, na intenção de se buscar informações de discursos que, muitas vezes, não são apreendidos nem contemplados pela escrita. É preciso se ter a noção de que a fonte oral não é a verdade em si, ela é mais uma fonte, um discurso que precisa ser trabalhado e interpretado com bastante cautela (ALBERTI, 2011). Não se busca aqui escrever uma história dos vencidos e esquecidos pela Universidade Federal do Ceará, mas sim conseguir identificar nas percepções desses sujeitos de quais formas esse referencial foi sendo formado em conjunto com a construção do Campus do Benfica – como é chamada a unidade acadêmica situada no bairro de mesmo nome.

A primeira entrevista aqui citada foi feita com o Sr. Francisco de Assis Martins, nascido no Benfica, foi aluno do curso de Geografia da UFC e atualmente é responsável pelo Memorial Martins Filho, localizado na sede da Reitoria, que é um dos locais de pesquisa, no qual se encontram centenas de Boletins da Universidade, recortes de jornais com notícias referentes à instituição, alguns pertences do ex-Reitor – cartas, fotografias e livros – e vários exemplares das publicações Alagadiço Novo, coordenadas por Martins Filho até sua morte. A escolha desse entrevistado se deve pelo fato de que ele se encontra numa posição de morador do Benfica, ex-estudante, funcionário da UFC e foi bastante próximo do ex-reitor, possibilitando a análise de seus relatos e de que forma cada um desses lugares ocupados por ele se refletem na fala dele. O Seu Assis, como prefere ser chamado, relatou numa entrevista que durou quase uma hora e quarenta minutos, algumas de suas impressões como morador do bairro, estudante e funcionário da Universidade. Aqui ele fala um pouco sobre a chegada da sua família no Benfica:

A minha mãe chegou em 1936 com a minha família aqui. Em trinta e pouco, ela morava na rua Senador Pompeu, no centro, mais no centro mesmo, é porque Fortaleza, na época quando ela veio pra cá, só era assim, era um quadrilátero,

Fortaleza assim era a Duque de Caxias, com a outra rua lá que é aquela da Santa Casa [Dr. João Moreira], a Tristão Gonçalves e a Dom Manuel, Fortaleza só era isso, da Dom Manuel pra lá não tinha cidade, pra cá que chamava as areias em 1930, 1940, quando minha mãe veio pra cá, eles vieram pro suburbão, aqui era tudo areia mesmo, eu não alcancei, claro né, mas foi, minha família veio e aí nasceu todo mundo, meus irmãos mais velhos, tudo tudo (ENTREVISTA 1).

É perceptível que a família do Seu Assis se instalou no Benfica justamente em um período em que as pessoas estavam se deslocando da região central da cidade e indo para as zonas mais periféricas, como o Benfica, em busca de mais tranquilidade, em busca de um lugar para bem ficar, como os primeiros que para ali foram ainda no século XIX (NOGUEIRA, op. cit.). Percebe-se também que nesse bairro não vai ser somente um destino para sujeitos oriundos das classes mais ricas – tendo em vista que esses estavam se encaminhando, principalmente no período pós-guerra, para o bairro da Aldeota como disse Jucá (2004: 126) – mas também esse fluxo vai se dar com as classes mais populares no desenrolar do século XX. Pelo o que se evidenciou no relato de Francisco de Assis, a sua família não fazia parte do que poderia se dizer como elite fortalezense, mas em meados da década de 1930 havia se transferido para o bairro que ainda era tido como de elite, ou pelo menos elegante (Ibid.). Seu pai era funcionário da Fundação Cearense e, pelo que relatou, era o chefe da família e único provedor, pois, ao que parece, sua mãe não trabalhava. A sua relação com o Benfica inicia-se com o seu nascimento, como relata nessa passagem:

Eu nasci em 1943, quer dizer, eu tenho 68 anos, eu alcancei o que aqui do Benfica? Essa junção da Tristão Gonçalves com a Imperador, ali a Imperador era areia né, alcancei, quer dizer, estudei no grupo Rodolfo Teófilo, que era onde é ali aquele prédio da Economia, ali era um grupo escolar da Prefeitura, do Governo, grupo escolar Rodolfo Teófilo, depois passou pra lá, era aqui na Universidade, aquele mesmo prédio, aquelas mesmas linhas arquitetônicas antigas né, aquele estilo francês né, que na época, Fortaleza, as casa tudo tinha aquele estilo Rococó nera, aquela arquitetura francesa mas era aquele estimo mesmo da Escola de Economia que é hoje, que era um grupo escolar, o Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, só atrás que ampliaram que abriram aquelas ruas ali que não tinha, que inclusive ali não tinha acesso pra lá, ali era uma ruazinha sem saída, que a gente chamava até vai-e-volta quando era menino, “mãe, vou brincar lá no vai-e-volta”, que era assim ali atrás tinha uns manguelral, umas coisa, atrás naquela rua num sei o que Pamplona que passa atrás, depois já abriram tudo né, aquelas vilas (ENTREVISTA 1).

É interessante perceber no discurso do entrevistado acima, a memória que resiste frente ao discurso oficial e as mudanças urbanísticas. Enquanto o nome “vai-e-volta” está bastante vivo, mesmo sendo uma referência de sua infância, o nome oficial da rua, Confúcio

Pamplona, não lhe vem com tanta facilidade. Por outro lado, o outrora Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, passa a ser citado por ele como Escola de Economia, nesse caso a memória do Grupo Escolar ainda resiste, mas o referencial presente passou a ser ligado à unidade acadêmica ali alocada pertencente à Universidade. O que atesta que o referencial universitário atrelado ao edifício no lugar do antigo Grupo Escolar demonstra já que a memória formada a partir da Universidade se mostra mais forte, diferentemente do caso da Rua Confúcio Pamplona. Vale salientar que isso pode se dever ao fato de o primeiro entrevistado estar intimamente mais ligado à Universidade, devido à sua anterior situação de aluno e a atual de funcionário. Ele continua sua fala relatando sobre as suas impressões do lugar e do ambiente no qual nasceu:

Aqui as casas, inclusive, tinham aquela coisa como é aqui esse das irmãs, esse dispensário, era aquela casa tipo, estilo, que tem bem um negócio bem sul-americano mesmo, parece aquelas casa da Espanha, na frente você vê um casarão, mas dentro, normalmente, tinha um pátio, com árvores, com jardins, sempre eram assim as casas, por causa do clima né, em Fortaleza, nessa época, era um clima muito mais salubre do que hoje né, o pessoal vinha se tratar, os grandes empreendimentos foi que acabaram mais né e o asfalto também né (ENTREVISTA 1).

Pode-se inferir que, para o Seu Assis, o principal problema que fez com o Benfica, e a cidade como um todo, deixasse de ser um lugar apazível, foi, principalmente, o processo de crescimento urbano, com a pavimentação asfáltica e a construção de prédios e edifícios. Percebe-se que as mudanças narradas por ele, afetaram sua forma de ver e se sentir na cidade e no seu bairro. De que forma a UFC também interferiu nessas mudanças que fazem parte dos referenciais de espaço desse sujeito? Atualmente, como já foi citado, tem-se o bairro Benfica como um lugar de referências de vida boêmia, universitária e futebolística. Quando indagado sobre a formação da vida boêmia no Benfica, o entrevistado nos responde da seguinte forma:

Isso já foi talvez assim uma coisa da universidade né, eu acredito que seja por conta dos estudantes, porque aí vem o que, vem Residência Universitária, vem muita gente né, o trânsito da cidade, os eventos da universidade e as coisas, mas antes não, antes, pelo contrário, não tinha, pelo menos quando eu era menino, eu me lembro, tinha era um bar assim tipo, mas essa coisa de boemia foi mais, eu acredito que foi mais em função do desenvolvimento mesmo e a proximidade da universidade contribuiu muito para isso (ENTREVISTA 1).

Ou seja, segundo ele, a construção dos referenciais de boemia e de ambiente universitário foram gerados quase que ao mesmo tempo, já que a universidade propiciou o

aumento da circulação de pessoas, o que provavelmente tenha levado a pavimentação das ruas para aumentar a velocidade da circulação pedestre e automotora. Desse modo, os bares e outros estabelecimentos que ofereciam formas diversas de divertimento, socialização e consumo de bebidas alcoólicas teve como mola propulsora o aumento do fluxo de pessoas que circulavam pelo bairro. Pessoas essas que nem sempre eram oriundas das proximidades, mas que dali partilhavam vivências variadas. Atrelado a isso está também o crescimento imobiliário que se deu naquela região. Segundo Barroso (2004), a paisagem do Benfica era basicamente composta de grandes casarões, os chamados *bangalôs*, que contavam com um grande terreno em volta de um imóvel também de grandes proporções, tendo entre dois ou três andares. Com a instalação da Universidade do Ceará em 1955, com a compra de vários imóveis que tinham essas características, essa paisagem descrita pelo memorialista e elucidada pelo entrevistado foi sendo modificada. Na memória presente nos relatos do Seu Assis, pode-se notar que frente às modificações no espaço urbano e nas formas de socialização, ainda resiste um sentimento de perda daquilo que ele julga como sendo aquilo fazia do Benfica um lugar apazível, um lugar para bem ficar, ou seja, a perda da tranquilidade.

Como já foi dito, a atmosfera na qual a Universidade do Ceará se instalou no Benfica estava atravessada de conflitos, não necessariamente diretos, mas a imposição de fronteiras, a modificação da paisagem urbana. É possível perceber nos relatos da Entrevista 1 que o entrevistado vê nas modificações urbanísticas que se deram no Benfica um fato que aos poucos foi acabando com a tranquilidade do bairro. A insatisfação com a instalação da UC no Benfica pode ser constatada no relato de uma moradora do bairro nessa citação:

Então, havia quem não quisesse que um órgão dessa natureza ocupasse aquele espaço, mas não me lembro quem eram as pessoas que se movimentaram, apenas houve na época quem lembrasse o cuidado com que o coronel José Gentil procurava conservar a natureza, houve uma ocasião em que ele mandou que desviasse o muro para evitar derrubar uma árvore (BARROSO apud NOGUEIRA, 2012: 238).

A lembrança das ações do coronel Gentil se mostra se mostra como uma espécie de resistência às ações de construção, demolição e derrubada de árvores que conseqüentemente estariam associadas às obras de instalação dos equipamentos da Universidade nesse bairro. A menção ao patriarca da família Gentil é mais forte que os nomes daqueles que se opunham à

empreitada que tinha promessas de desenvolver a cultura cearense e estava amparada pelo Governo Federal. Essa memória que vem à tona num momento de tensão (POLLACK, 1989) e é usada como embasamento de um discurso contrário ao que se estava sendo feito naquele momento. O nome, como já citado, é referente ao antigo dono do “Palácio” da Reitoria, o patriarca da família Gentil. O corpo institucional da Universidade do Ceará que ali se instalou recebe o nome de campus do Benfica, mas parte dele é abarcado pela citada demarcação da Gentilândia. Desse modo, pode-se interpretar que, a partir da relação da Universidade com o(s) bairro(s), essa necessidade de afirmação territorial ocorre em ambas as partes. Pela Gentilândia, uma possível negação do que a instalação da UC trouxe consigo e a reboque dessa negação está a presença de uma memória anterior à instituição, uma memória ligada à família Gentil e seu patriarca. Por parte da atual UFC seria a negação, ou ultrapassagem desse passado, instaurando uma ruptura para o início de uma nova era, marcada pela modernidade de suas ações e pelo modernismo de suas construções.

Outro entrevistado, Cristiano de Oliveira Santos, citado anteriormente, diz-se morador da Gentilândia desde 1952, mesmo não tendo nascido na região, considera-se um “nativo”. Teria chegado ao bairro devido à ligação de seu pai, Rômulo Mascarenhas dos Santos, com a fundação da Universidade do Ceará. Atualmente exerce a atividade de corretagem de imóveis, é radialista, comumente participa de programas esportivos e faz parte de um grupo denominado Memofut, que busca, segundo ele, preservar a memória do futebol cearense, tanto dos clubes, quanto dos jogadores e lugares de prática do futebol. A escolha de Cristiano Santos para a realização de uma entrevista está ancorada na possibilidade de analisar as territorialidades de seu discurso, como alguém que diz interagir diretamente com a Universidade, que defende a Gentilândia como um bairro, que usa do ponto de referência da UFC como facilitador de seus negócios imobiliários no bairro. Ele fez um relato de suas impressões sobre a instalação da UC no bairro e como ele percebeu as modificações que ocorreram a partir daquele momento. Segundo ele,

Com a chegada da Universidade o bairro se modernizou, porque a própria Universidade, a própria mentalidade dos estudantes começou a modificar, logo tinha o Clube dos Estudantes Universitários (CEU), eu era jovem, eu não era universitário, mas eu fui muito através dos meus amigos que eram universitários e me colocavam pra dentro dos bailes. Isso já foi uma coisa boa pra nossa juventude,

esses bailes que aconteciam lá, nós íamos muito, os Jogos Universitários, isso aqui começou a ter mais movimentação. Através do esporte, através de exposições, né, com o museu que foi criado (ENTREVISTA 2).

Nessa entrevista Cristiano enumera dois ambientes – o CEU e o museu – e três eventos – os bailes, os Jogos Universitários e as exposições – os quais a Universidade era a realizadora e que, segundo ele, foram os responsáveis pelo aumento da movimentação e circulação de pessoas no Benfica. Ele declara que não era necessário ser universitário para participar desses eventos, devido à sua amizade com universitários que facilitavam a sua entrada, mas ele deixa claro que não era o único que fazia isso, pois ele engloba um grupo maior ao dizer “nossa juventude”. Pode-se dizer que seria uma forma de se eximir de alguma culpa por entrar naquele meio que não seria destinado a ele, ou salientar que essa prática era realmente comum entre os jovens que moravam nos arredores da então Universidade do Ceará e até mesmo de regiões para além do Benfica.

As exposições, os jogos e os bailes que Cristiano Santos cita, são eventos que iam familiarizando a sociedade fortalezense e a recém-criada Universidade. As pessoas partilhavam daqueles ambientes e festividades, mas também partilhavam do espaço que era universitário e que tinha se instalado naquele bairro, ou seja, intencionalmente ou não, com essas ações, pode-se dizer, que a UC ia demarcando seu espaço. Eram as “festas universitárias”, os “Jogos Universitários”, as exposições no “Museu de Arte da Universidade do Ceará”, desse modo os sujeitos participavam e se inseriam naquele meio, mas os eventos estavam também carregados, em suas denominações, de noções de pertencimento e território. Cristiano ia aos bailes, para as exposições e para os jogos, mas eram acontecimentos que estavam ocorrendo sob a chancela daquela nova instituição, tinham nome, lugar e noção de pertencimento bem definidos. Até então não se tinha nenhuma universidade no Ceará, ou seja, até a criação da UC aqueles eventos com aquelas denominações não existiam. Percebe-se que nessas ações, não somente, estava sendo forjado, no sentido de formação, o referencial universitário para o Benfica.

Olha, eu sou corretor de imóveis e quando eu tô vendendo algum imóvel, na região, aqui, a primeira coisa que eu falo: é próximo da Reitoria, próximo da Universidade. Esse é o ponto de referência principal, pra mim, no meu ponto de vista, no que se trata dos dois maiores pontos de referência aqui é o PV [Estádio Presidente Vargas] e a Reitoria, onde está concentrada toda a administração da Universidade. Então é o

ponto de referência do bairro, passou a ser, depois que foi implantada (ENTREVISTA 2).

Na citação acima Cristiano Santos se declara no lugar de corretor de imóveis que é e demonstra que a Universidade serve como um “ponto de referência”. Ele usa da visibilidade que a instituição conseguiu construir desde sua fundação e hoje serve como mais um atrativo para os negócios imobiliários, chamado a atenção de possíveis compradores. Segundo ele, a Universidade é um dos pontos de referência do bairro e ela passou a exercer esse papel a partir do momento em que foi implantada. De certa forma, parece uma afirmação bastante simplificada, pois ela não poderia exercer esse papel antes de sua existência, mas esse referencial foi construído e tomou o lugar de outros que ali haviam antes da instalação da UC. Retoma-se aqui a definição de “espaço” para Michel de Certeau para afirmar que a partir do que foi relatado na segunda entrevista, a Universidade do Ceará passou a ser um “lugar praticado” não somente pelos moradores do Benfica, mas por uma parcela da sociedade fortalezense que se deslocava e ia partilhar daquele ambiente.

Não se pode naturalizar tal elemento que foi constituído em meio a conflitos, mesmo não sendo esses de enfrentamento direto. Na citação de Albuquerque Júnior ele afirma que “as fronteiras, as identidades espaciais, os territórios, os lugares passam a ser pensados como tendo sido definidos a partir de contendas, de conflitos, sendo frutos de relações que se estabeleceram entre diferentes agentes e agências” (2008: loc. cit.), no caso em estudo, a Universidade do Ceará se instalou em 1956 no Benfica e modificou as formas de convivência no bairro, ocasionando o aumento da circulação de pessoas, o que pode ter impulsionado as ações de pavimentação e o crescimento demográfico e imobiliário. Desse modo, as intervenções feitas pela criação e instalação dessa instituição nesse espaço criaram e modificaram relações entre os sujeitos e os espaços, mas essas modificações implicaram ações por parte daquela que estava se inserindo, o que fez com que se formasse o referencial universitário naquele meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se encontra em seu estágio inicial, mas a leitura feita sobre as fontes já possibilita algumas reflexões e conclusões sobre o que tem sido pesquisado. A atuação da

Universidade Federal do Ceará, então Universidade do Ceará, no Benfica possibilitou a formação de um novo – para o período em questão – referencial para o bairro. Os conflitos em torno das relações espaciais travadas com a instalação da UC nas imediações do Benfica e da Gentilândia podem ser identificados em diversos aspectos, seja nos depoimentos aqui expostos de analisados, na reivindicação de delimitação territorial, na relutância de alguns moradores no período da instalação, nas denominações espaciais. Se referenciar é também identificar e o processo de identificação não está dissociado da memória (CANDAU, 2012), que memórias foram postas em ação para que esse referencial fosse formado e viesse à tona? A identidade, por sua vez, não se constitui apenas na semelhança, mas também no entendimento daquilo que não se é (HALL, 2006; SILVA, 2008), ou seja, da diferenciação. Desse modo, o ato de ser determinada coisa é ao mesmo tempo o ato de não ser outra. Sendo assim, a formação de um referencial universitário para o Benfica é também um processo de identificação e diferenciação, que foi construído a partir da ação de sujeitos que, de alguma forma, daquele ambiente partilhavam ou passaram a partilhar. Patrimônio está relacionado com a ideia de pertencimento e referencial à identificação, assim a Universidade Federal do Ceará pode ou não pertencer ao Benfica ou à Gentilândia. O que se pode interpretar até aqui é que ser patrimônio cultural do Benfica não é ser patrimônio cultural da Gentilândia, pois a noção tomada de empréstimo aqui diz respeito à relevância e a significância que determinadas práticas, ou conjuntos arquitetônicos tem para a comunidade. É uma pertencimento em mão dupla, tanto o grupo ou a sociedade se sente parte de determinado bem quanto o bem é parte dele. Esse processo de pertença é atravessado pelo modo que esse bem teve sua representatividade mnemônica evocada, se a memória não emerge e não se coloca como dominante, conseqüentemente, a noção de pertencimento não se faz presente. Já o referencial independe da noção de pertencimento, ele é aquilo que se constituiu sobre si em relação ao outro, é um processo de identificação e diferenciação.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Roberto Sabatella. **Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen.** In: da Vinci, Curitiba, PR, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história.** In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2011. pp. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaçó, 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro: 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A modernização de Fortaleza e o cotidiano da população: 1930-1960**. In: DAMASCENO, F. J. G. (Org.) ; SILVA, Marco A.F. da (Org.) . **Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s)**. 1. ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará / Fund. Demócrito Rocha, 2004. p. 109-133.

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Roberto Marinho, 1997.

NOGUEIRA, A. G. R.; MARTINS, A.; SILVA, F. E. M.; CAVANCANTI, J. M. **Benfica em três tempos: patrimônio, inventário e memória local**. In: CHUVA, Márcia. Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012. p. 220-243.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Vértice, v. 2, n. 3, 1989. pp. 3-15.

VIANA, Carlos Negreiros. **José Gentil Alves de Carvalho e o Banco Frota Gentil**. In: Revista do Instituto do Ceará pp. 201-208. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2007.

FONTES

BARROSO, Francisco de A. **O Benfica de ontem e de hoje**. Fortaleza, 2004.

CASTRO, José Liberal. **Martins Filho, o Edificador**. In: MENEZES NETO, Paulo Elpídio (org.). Martins Filho de Corpo Inteiro. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 181-227.

ENTREVISTA 1. Entrevistado: Francisco de Assis Martins. Duração: 01:39:29. Data da entrevista: 22/08/2012. Recurso: áudio e vídeo.

ENTREVISTA 2. Entrevistado: Cristiano de Oliveira Santos. Duração: 43:39. Data da entrevista: 23/07/2012. Recurso: áudio e vídeo.

MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias – Maioridade I**. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993.

_____. **Memórias – Maioridade II**. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1994.

_____. **Depoimentos para a História da UFC**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Serviço de Documentação, Estatística e divulgação. **Anais 1956**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

_____. Serviço de Documentação, Estatística e divulgação. **Boletim da Universidade do Ceará**. Nº 19, Julho/Agosto, 1959. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.